O AGRONEGÓCIO É O SEGUINTE

CONTROVÉRSIA DA ELEVAÇÃO DA SELIC

SEGUNDO O boletim Focus, do Banco Central do Brasil (BCB), o mercado espera que o crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) para este ano seja de aproximadamente 3,0%. Ao mesmo tempo, a expectativa é de que o diferencial crescente das taxas de juros entre o Brasil e os Estados Unidos provoque uma valorização do real, devendo o ano terminar mais próximo de R$ 5,00/US$, o que alivia a pressão inflacionária. A inflação, medida pelo Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), deve ficar dentro do teto da meta de 4,5%. Além disso, a piora das condições climáticas poderá trazer impactos importantes, ainda não totalmente contabilizados, para a produtividade agropecuária, configurando um novo fator de pressão inflacionária.

A decisão do BCB de elevar a taxa Selic em 0,25 p.p. não encontrou consenso entre os especialistas. De um lado, há quem defenda que a medida é necessária para controlar a inflação e demonstrar o compromisso do BCB com a estabilidade econômica. De outro lado, críticos apontam que a inflação projetada para os próximos anos está dentro da meta, questionando a necessidade de juros mais altos, sobretudo em um contexto de ociosidade da capacidade instalada da indústria.

Essa divergência de opiniões reflete a complexidade dos impactos da Selic sobre a economia. O efeito mais direto do aumento da Selic seria a valorização do real frente ao dólar. No entanto, esse efeito pode ser reduzido pela maior percepção de risco fiscal brasileiro por parte dos investidores. Ou seja, o desconforto do mercado em relação à sustentabilidade da política fiscal pode neutralizar a pressão baixista sobre a taxa de câmbio brasileira.

Para trazer ainda mais discussão sobre a elevação da Selic, a Moody's – uma das três maiores agências de risco – elevou a nota do Brasil nesta semana, tornando o crédito externo mais barato. Isso é muito positivo!

Mas, em razão da elevação da Selic para o setor agropecuário brasileiro, a safra 2024/25 será produzida com custos de financiamento mais altos. Por outro lado, os Estados Unidos iniciaram um ciclo de baixa na taxa de juros, o que tende a contribuir para a sustentação das cotações das *commodities* agrícolas.

Em um cenário global marcado pelas mudanças climáticas e pela necessidade de crescimento econômico sustentável, o agronegócio e a bioeconomia emergem como pilares centrais nas discussões sobre o futuro. No Brasil, essas áreas desempenham um papel de destaque, representando tanto desafios, quanto oportunidades, para liderar a transição verde. Nesse contexto, o artigo de um pesquisador do Centro de Agronegócio da Fundação Getulio Vargas (FGV Agro) revela que o Produto Interno Bruto da Bioeconomia (PIB-Bio) atingiu 25,2% do PIB nacional em 2023. Esse crescimento reflete a importância dos recursos biológicos no desenvolvimento econômico, com atividades que vão desde a agropecuária até a indústria farmacêutica. O conceito de viés biológico (VB), que mensura o uso de insumos biológicos, demonstra como a bioeconomia está transformando cadeias produtivas globais ao integrar soluções sustentáveis e inovadoras.

Além disso, o artigo de Talita Priscila Pinto, coordenadora do Observatório de Conhecimento e Inovação em Bioeconomia (OCBio/FGV), aborda a intersecção entre a bioeconomia e o agronegócio no contexto das discussões do G20, em que essas áreas foram posicionadas como soluções para a segurança alimentar e a descarbonização. O Brasil, com a sua *expertise* em bioenergia e sistemas sustentáveis, tem a oportunidade de ser um protagonista global, desde que consiga superar obstáculos regulatórios e investir em inovações tecnológicas.

Conforme destaca o conteúdo especial da Associação Nacional dos Exportadores de Cereais (ANEC), a produção de grãos no Brasil continua em expansão. Apesar das dificuldades logísticas e do aumento na oferta global, o País tem potencial para estabelecer novos recordes na exportação de soja e milho. A China permanece como o principal destino das exportações brasileiras, enquanto outros mercados, como o Japão e o Vietnã, intensificam suas importações de milho.

Em um contexto global de incertezas, o agronegócio brasileiro precisa equilibrar as exigências de sustentabilidade, inovação tecnológica e adaptação às mudanças de mercado. A bioeconomia e o setor agrícola, com sua capacidade de alimentar o mundo e, ao mesmo tempo, preservar o meio ambiente, são elementos centrais para o futuro do País. Contudo, decisões políticas e econômicas, como a elevação da Selic, exigem cautela para que o Brasil continue sendo competitivo e sustentável. ■